

**A bioética personalista como resposta à crise de sentido****Personalist bioethics in response to the sense crisis**

DOI:10.34117/bjdv5n10-132

Recebimento dos originais: 20/09/2019

Aceitação para publicação: 10/10/2019

**Wagner Hoffmann**

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE- Campus Francisco.

Graduado em Filosofia pela Faculdade Padre João Bagozzi – BAGOZZI.

Endereço: Linha Nova Estrela (interior), Santa Izabel do Oeste – PR, Brasil

E-mail: wagnerhoffmann@alunos.utfpr.edu.br/ programafilosofando@gmail.com

**RESUMO**

A Bioética é na atualidade a disciplina que mais reflete sobre os problemas da sociedade hodierna, sobre os problemas gerados com os avanços tecnológicos. Potter ao criar a Bioética olhava-a como sendo uma ponte que uniria a ética e a biologia, os valores éticos e os fatos biológicos para a sobrevivência do ecossistema na sua totalidade. Já a Bioética Personalista de Elio Sgreccia tem sua centralidade na Pessoa Humana. O conceito de pessoa sgrecciano vem como resposta a crise de sentido que afeta a pessoa, pois ela não pode ser vista como um meio mas sempre como um fim em si, sua unitotalidade faz com que a pessoa não possa ser reduzida a apenas um aspecto de sua existência, ela é um todo que precisa ser respeitada.

**Palavras-chave:** Bioética; bioética personalista; pessoa humana.

**ABSTRACT**

Bioethics is currently the discipline that most reflects on the problems of today's society, on the problems generated by technological advances. Potter in creating Bioethics looked at it as a bridge that would unite ethics and biology, ethical values and biological facts for the survival of the entire ecosystem. Elio Sgreccia's Personalistic Bioethics has its centrality in the Human Person. The concept of the sgreccian person comes as an answer to the crisis of meaning that affects the person, because he cannot be seen as a means but always as an end in itself, his unity totality makes the person can not be reduced to just one aspect of its existence, it is a whole that needs to be respected.

**Keywords:** Bioethics; personalistic bioethics; human person.

O mundo hodierno encontra-se em uma forte crise de sentido. Os reflexos desta crise são muito visíveis, tais como o hedonismo, o consumismo e a coisificação do humano, principal atentado à dignidade da pessoa e da vida humana; a pessoa não é vista em sua totalidade ou unitotalidade, como um fim em si, mas apenas como um meio que pode apresentar-se de várias formas: como meio de exploração econômica, como meio de prazer egoísta, etc.

A contemporaneidade é marcada fortemente por uma crise que não é simplesmente uma crise econômica ou social, mas uma crise que afeta o mais profundo da pessoa, o seu sentido de existência. Com relação à crise de sentido apresentamos três aspectos que marcam fortemente a vida das pessoas na sociedade hodierna que são o consumismo, o hedonismo e o subjetivismo, abordamos no decorrer do trabalho apenas um desses aspectos, o consumismo.

A ideia de consumo instala-se, de tal forma que para a sociedade hodierna, que o homem é na medida em que consome. “O mito da sociedade de consumo e do bem-estar proclama que só vale a pena viver com o máximo de satisfação e prazer (JUNGES, 2003, p.173). O mito da sociedade de consumo foi introjetada de tal forma que consumo tornou-se natural. “Hoje, o sexo deixou de ser tabu, foi desligado da procriação e posto a serviço do prazer” (JUNGES, 2003, p. 174). A dor tornou-se uma palavra proibida, a morte tomou um novo rosto, o cadáver é maquiado para que não apresente traços de dor ou sofrimento. A artificialidade da vida é tomado como natural.

Em um período anterior, criava-se o produto para atender a necessidade das pessoas e proporcionar uma melhor condição de vida. Na sociedade hodierna criando primeiro o produto e depois o consumidor é induzido ao consumo. Adela Cortina afirma sobre a sociedade hodierna consumista que:

[...] são os produtores que tomam a iniciativa, de modo que os produtos se desenvolvem para se acomodar não aos consumidores, mas sim aos métodos de produção e distribuição, à maximização de benefícios e ao posicionamento dos produtores no mercado. Os produtores criam um “ethos consumidor” para que as pessoas consumam de forma indefinida, e por isso nas sociedades ricas nunca há bastante, porque os produtos criam desejos indefinidos, manipulando emoções (CORTINA, 2010, p.295).

O consumismo entrou de tal forma na sociedade e na cultura hodierna, que o ser da pessoa, com sua singularidade, deu lugar ao ter. A pessoa acaba se tornando aquilo que consome, o seu status esta relacionado às marcas que utiliza. Cortina afirmar que:

[...] nas sociedades hodiernas o consumo de bens não necessários para a sobrevivência se tornou chave do sucesso pessoal, na principal reclamação para obter votos na política e no motor da economia: em resumo, na dinâmica central da vida socioeconômica (CORTINA, 2010, p.292).

A Bioética surge em contraposição a tudo isto, como uma resposta a toda essa problemática buscado resgatar o valor e a dignidade da pessoa, um consumo consciente e responsável, pois a pessoa sendo o centro da Bioética é fortemente atingida por esta crise de sentido ético presente na cultura de época em que vive.

Foram vários os aspectos que contribuíram para o nascimento da Bioética . Em primeiro plano nos perguntamos o que é esta expressão ou vocábulo ao qual intitulamos de Bioética? Ramón Lucas Lucas (2002) vai defini-la como formado de duas palavras de origem gregas bios que significa vida e éthos que significa costumes, do qual se pode defini-la como ética da vida, a ciência que regula a conduta humana no campo da vida e da saúde à luz dos valores e princípios morais racionais. Este foi um termo cunhado por Van Rensselaer Potter em 1970 .

Segundo Sgreccia, para Potter, a Bioética pode ser como uma ponte que une a ética e a biologia, os valores éticos e os fatos biológicos para a sobrevivência do ecossistema todo. A Bioética tem a tarefa de ensinar como usar o conhecimento em âmbito científico-biológico (SGRECCIA, 2002).

Darlei Dall’Agnol (2005), apresenta a definição da primeira Enciclopédia de Bioética como a mais precisa para definir o neologismo Bioética, que de acordo com sua primeira edição seria um estudo ordenado da conduta humana no campo de ação das ciências da vida e da saúde analisados à luz dos valores e princípios morais (DALL’AGNOL, 2005, p. 9).

A Bioética personalista tem forte influencia de uma corrente filosófica chamada personalismo. Cugini afirma que “O ‘Personalismo Comunitário’ tornou-se assim uma filosofia, fruto de uma longa e atenta reflexão à condição de pessoa no caminho da história, na escuta constante do “evento” do tempo presente” (CUGINI, 2008, p.53).

O modelo personalista está centrado na pessoa humana, diferentemente do modelo ontológico que tem, como ponto de partida, a felicidade. É diverso, também, dos modelos deontológico e utilitarista, que tem respectivamente, como ponto de partida, a autonomia e a democracia. O modelo personalista parte da pessoa como um ser real e concreto (DURAND, 2007).

O personalismo reflete sobre a pessoa desde o nascimento até o fim da vida. Sendo assim, por exemplo a partir da concepção, o embrião gerado já é para a bioética personalista, uma pessoa humana, e pelo fato de ser pessoa, possui uma dignidade que lhe é própria e peculiar, conforme estabelece Sgreccia:

Esse modelo personalista é que reconhece em suas expressões mais legítimas e fundamentadas o dever do respeito a pessoa desde o momento da concepção, que exige a participação do paciente, como pessoa e em primeira pessoa, na gestão das decisões éticas, que vê na vida física e corpórea o valor “fundamental” sobre o qual se pode fundamentar e se exprimir os outros valores da pessoa. Este é o modelo que considero como único

integralmente humano e capaz de fundamentar e inspirar uma medicina antropológica (SGRECCIA 2002, p. 410).

O reconhecimento do valor da pessoa humana não é, para Sgreccia, uma tentativa de colocá-la em um status superior, mas reconhecer uma dignidade constitutiva da mesma. A pessoa também não pode ser reduzida a um número, uma cifra ou um conjunto de células, pois como afirma Sgreccia:

A distância ontológica e axiológica, que distingue a pessoa humana do animal, não é comparável com a distancia a planta do réptil ou a pedra da planta. Em todo o homem, toda a pessoa humana, todo o mundo se recapitula e adquire sentido, mas, ao mesmo tempo, o cosmo é ultrapassado e superado. Em todo homem está contido o sentido do universo e todo o valor da humanidade: a pessoa humana é uma unidade; um todo, e não uma parte do todo (SGRECCIA, 2002, p. 79).

A pessoa é um todo é não uma parte. Em toda pessoa está contido um sentido do universo e, todo o valor da pessoa humana. O ser humano possui uma capacidade intelectual que lhe é própria e que lhe possibilita refletir sobre o ambiente em que vive, sobre a realidade, sendo uma capacidade de refletir sobre si mesmo. Sgreccia destaca que:

A tradição personalista aprofunda suas raízes na própria razão do homem e no coração de sua liberdade: o homem é a pessoa porque o único ser em quem a vida se torna capaz de “reflexão” sobre si, de autodeterminação; é o único ser vivo que tem a capacidade de captar e descobrir o sentido das coisas, e de dar sentido às suas expressões e à linguagem consciente (SGRECCIA, 2002, p. 79).

O ser humano é o único ser capaz de sentir a presença de si e em si mesmo, pois a planta e a pedra existem, porém não são capazes de refletir sobre sua existência, sobre os problemas da sociedade e de questionar-se sobre sua existência, sobre o porque existe e nem a consciência de que existem. Sgreccia afirma que:

[...] a visão personalista não prescinde da justificação racional dos valores e das normas; e a fé religiosa, como já insistimos, não desmerece as instâncias racionais, e talvez as aguce e reforce. A comparação deve ser feita antes do juízo ético, sem a preferência de “dogmáticos” desafinados com a procura desapaixonada da verdade (SGRECCIA, 2002, p. 81).

Diferente do modelo utilitarista, o modelo personalista tem um compromisso com a verdade, pois para a bioética personalista a mentira será sempre imoral, pois consiste em um desprezo pelo outro. A grande importância dos valores se deve, também, a um caráter metafísico da bioética personalista, conforme diz Sgreccia:

O modelo ético personalista admite e considera a existência dos valores, mas vê com fundamento na realidade metafísica; um valor não pode ser considerado como tal sem um conteúdo real e sem uma capacidade perceptivo-avaliadora inata na pessoa: diante da pessoa, que intui e avalia a realidade se apresenta como valor quando assume o caráter de “bondade”, de correspondência com o ser e com a vida das pessoas (SGRECCIA, 2002, p. 153).

A partir de certos valores, como o valor da vida, da dignidade de vida, da responsabilidade, surgem também alguns princípios da Bioética Personalista, que visam sempre o bem e a dignidade da pessoa humana.

Os princípios decorrentes da Bioética Personalista são cinco; princípio de defesa da vida física, princípio de liberdade e de responsabilidade, princípio de totalidade ou princípio terapêutico, princípio de socialidade e de subsidiaridade e, por fim, os princípios de benefício, de autonomia e de justiça.

O conceito de pessoa é o conceito que perpassa o pensamento sgrecciano, nas diferentes problemáticas da Bioética e nos casos específicos trabalhados pelo autor. Sua compreensão personalista não vê o ser humano, a pessoa, apenas de uma maneira, unívoca, mais busca vê-lo em sua totalidade.

O ser humano tem a capacidade de examinar-se a si mesmo através de sua consciência, tendo a capacidade de descobrir e armazenar informações. É um ser capaz de dar sentido às coisas e de expressar seus sentimentos e suas emoções através da linguagem, como afirma Sgreccia:

A tradição personalista aprofunda suas raízes na própria razão do homem e no coração de sua liberdade: o homem é pessoa porque é o único ser em que a vida se torna capaz de reflexão sobre si, de autodeterminação; é o único ser vivo que tem a capacidade de captar e descobrir o sentido das coisas, e de dar sentido às suas expressões e à sua linguagem consciente (SGRECCIA, 2002a, p. 79).

A capacidade de reflexão faz com que o homem seja capaz transmitir sua cultura, de desenvolver-se e modificar o ambiente em que vive, expressando através da linguagem a realidade do tempo presente e criar mundos através da literatura e da poesia. Muitos seres possuem vida, tanto no reino animal, como no reino vegetal. Porém, somente o homem tem a capacidade de dar um sentido ao seu ser e a sua existência.

Sgreccia vê a pessoa não por uma ótica dualista, mas por uma ótica de unitotalidade pois, para o autor, não existe uma separação entre alma e espírito na pessoa humana.

Esta postura da Bioética Personalista instituída por Elio Sgreccia, está arraigada na pessoa humana, o que significa dizer, também, que a pessoa é o conceito essencial para a avaliação e compreensão dos dilemas bioéticos da sociedade hodierna.

A pessoa é formada de varias dimensões, sejam elas físicas, psíquicas, sociais, morais ou espirituais. Dentro deste modelo considera-se que a pessoa o é desde que ocorre a fecundação do espermatozóide ao ovulo. Não há uma preocupação de ficar provando a partir de quando se inicia a vida para o modelo personalista, pois a vida, inicia-se a partir da concepção, sendo pessoa desde a concepção. Este é um pressuposto para entender o conceito de pessoa sgrecciano.

Quanto à unitotalidade, Sgreccia afirma que:

O personalismo realista vê na pessoa uma unidade, como é chamada freqüentemente, a unitotalidade de corpo e espírito, que representa o seu valor objetivo, pelo qual a subjetividade se responsabiliza, e não pode deixar de fazê-lo, quer em relação à pessoa do outro (SGRECCIA, 2002a, p. 80).

A pessoa da qual a Bioética Personalista de Sgreccia nos apresenta, é a pessoa real e concreta, entendida por este modelo como unidade, ou ainda, como uma unitotalidade. A pessoa é vista dentro de um contexto, dentro de uma realidade, que muitas vezes clama por sua dignidade e respeito, jamais podendo ser vista como um objeto ou como um meio, pois possui uma dignidade que lhe é intransferível, jamais pode ser reduzida a um número ou a um conjunto de células.

Sendo assim, o que é mais importante corpo ou espírito? Quais as conclusões que nos seriam possíveis de tirar a partir do modelo personalista?

Poder-se-ia responder que, para o autor, seria importante corpo e espírito, pois, a unitotalidade não engloba uma dualidade entre corpo e espírito. Para o modelo personalista talvez, a melhor forma de representar essa unitotalidade seja, corpo-espírito não como a soma de dois aspectos díspares, mas como uma unidade, entendido como um único ser. Pois quando observamos apenas um corpo não o chamamos de pessoa humana, chamamos de cadáver, da mesma forma que não consideramos pessoa apenas um espírito. A pessoa é corpo-espírito.

Sgreccia apresenta a transcendência da pessoa humana relacionada à realidade infra-humana e aos interesses sociais e políticos. No que diz respeito à realidade infra-humana da pessoa Sgreccia afirma que:

Em relação às realidades infra-humanas a pessoa é transcendente sob o ponto de vista ontológico e axiológico: a pessoa, enquanto capacidade de autoconsciência e de autodeterminação, supera por novidade, nível ontológico e valor o mundo material; é o mundo que adquire significado na pessoa humana, a qual representa o fim do universo (SGRECCIA, 2002a, p. 129).

A transcendência é constitutiva do ser e do valor da pessoa humana, pois a pessoa possui a capacidade de autoconsciência, capacidade esta, que lhe possibilita sentir a presença de si em si

mesma. A pessoa tem a capacidade de agir conscientemente, agir sabendo o que está fazendo, tendo consciência de si e das coisas que a cercam. A autodeterminação, possibilita ao ser humano transcender a realidade que o cerca. O mundo adquire significado na pessoa humana, pois, é o homem que dá significação ao mundo e o mundo é para o homem carregado de sentido, ou seja, o homem é capaz de transformar a matéria, de desenvolver técnicas, de armazenar conhecimento e de dar sentido a sua vida e ao mundo em que vive.

A vontade do ser humano da possibilidade de governar-se a si mesmo, de ser senhor de si, não é apenas uma parte do todo, mas um todo em si, é um universo à parte, um microcosmo, no qual através do conhecimento pode estar contido todo um grande universo (SGRECCIA, 2002a).

O conhecimento do mundo possibilita ao ser humano reconstruir seu mundo. Imagine-se uma cidade, sem ligação com qualquer outra parte do mundo, onde a principal atividade fosse a exploração da madeira. Se esta cidade fosse destruída por uma catástrofe natural, ficando apenas algumas pessoas sem casas e sem madeiras. Se estas pessoas possuíssem o conhecimento intelectual de como era a cidade antes da catástrofe, elas poderiam reconstruí-la, reconstruir suas casas, mesmo que não existisse mais nenhuma casa.

Sgreccia ressalta essa grandeza ontológica da pessoa humana também quando se refere à sociedade:

Verifica-se também essa grandeza ontológica e de valor da pessoa quando esta se refere à sociedade. Em relação à sociedade a pessoa não deve ser considerada como uma parte, nem a sociedade deve ser considerada como um “organismo vivo” (concepção organicista): é do coração, do cerne da pessoa (que se abre com todo seu ser aos demais semelhantes) que nasce a sociedade; mas a pessoa enquanto originária em relação à sociedade, pessoa no social e no coletivo representou e representa ainda a mais grave catástrofe da humanidade (SGRECCIA, 2002a, p. 130).

A pessoa não pode ser vista apenas por um viés, é uma totalidade, não é somente racional, é um ser que sente, que reflete, que ama, que possui uma dimensão de religiosidade, de transcendência. Um ser que tem liberdade mas, uma liberdade com responsabilidade, por ela mesma por sua individualidade, pelo seu corpo, mas também responsabilidade pelos outros pelo mundo em que vive, pois, não vive sozinha, mas em comunidade, na qual influencia e é influenciada por outras pessoas. A esta magnitude que por mais que encontremos adjetivos para defini-la podem faltar palavra, a esta maravilha que simplesmente chamamos pessoa.

Por conseguinte, A coisificação da pessoa consiste na mais brutal forma de agressão à mesma, pois não se trata de uma agressão direta à pessoa no sentido físico, mas uma agressão ontológica, uma agressão a aquilo que é próprio do ser da pessoa. O ser da pessoa vem antes do ter,

é necessário que antes seja pessoa para que depois tenha algo. Necessariamente deve-se antes ser para depois ter. Primeiramente es depois tens, precisa-se existir para ter. Dentro do processo de desumanização ou de coisificação inverte-se o processo do eu e passa-se a ser aquilo que tens, este é o espírito de época consumista que gera uma forte crise de sentido os valores da bioética personalista surgem como uma possível resposta a crise de sentido vivida pela sociedade.

### REFERÊNCIAS

- CORTINA, A. *Ética na era do consumo*. In.: Vários. *Bioética em tempo de incertezas*. São Paulo; Universidade São Camilo: Loyola, 2010.
- CUGINI, P. *PERSONALISMO E PASTORAL: De uma abordagem filosofia à ação pastoral*. In.: VÁRIOS. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Fasc. 269. Janeiro 2008 – Vol. LXVIII. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DALL'AGNOL, D. *Bioética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- DESCARTES, R. *Meditações metafísicas*. São Paulo: Martins fontes, 2000.
- DURAND, G. *Introdução geral à bioética: história conceitos e instrumentos*. (tradução) Nicolás Nyimi Campanário 2 ed. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Loyola, 2007.
- JUNGUES, J. R. *Bioética: perspectivas e desafios*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- LUCAS, R. L. *Bioética per tutti*. Milano: San Paolo, 2002.
- SGRECCIA, E. *Manual de Bioética I*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002a.
- \_\_\_\_\_ *Manual de Bioética II*, 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002b.